



GINÁSTICA PARA TODOS: QUESTÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM CRÍTICA

GYMNASTICS FOR ALL: ISSUES ABOUT A CRITICAL LEARNING EXPERIENCE

GIMNASIA PARA TODOS: PREGUNTAS SOBRE UNA EXPERIENCIA CRÍTICA DE APRENDIZAJE

Mellina Souza Batista

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil
Email: melsouza@usp.br

Priscila Lopes

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil
Email: priscalopes@usp.br

Tamiris Lima Patrício

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Email: tamirislima90@hotmail.com

Nayana Ribeiro Henrique

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Email: nayanaribeiro@usp.br

Lorena Nabanete dos Reis Furtado

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil
Email: lorenareis@gmail.com

Michele Viviane Carbinatto

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Email: mcarbinatto@usp.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender, por meio do olhar dos extensionistas participantes de projetos de extensão em Ginástica Para Todos (GPT), como esta prática corporal tem sido trabalhada no contexto da Extensão Universitária, tomando como base teórica da análise a perspectiva das orientações da Pedagogia Freiriana e do FORPROEX. Os resultados indicaram que os projetos em GPT envolveram três principais temáticas, quais sejam: a. a valorização do indivíduo e do conhecimento prévio, b. questões democráticas de grupo c. a interação social entre os componentes que, por sua vez, se aproximaram das bases analisadas. Concluímos que as extensões em GPT potencializaram a participação ativa dos atores envolvidos e, portanto, contribui para uma formação acadêmica crítica, autônoma e que reconheça o coletivo.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Ginástica Para Todos; Grupos Universitários, Pedagogia Freiriana.

ABSTRACT

The aim of this study was to comprehend how Gymnastics for All (GfA) have been carried out in the university context. This approach was possible throughout the view of the extenders and participants



involved in the extension project of GfA, also based on the theoretical perspective of the Freirian guidelines and FORPROEX. The results presented that the GfA projects were based on three main themes: I) individual appreciation and prior knowledge; II) democratic group issues; III) social interaction among components, which in turn, approached the main themes. We concluded that the GfA extensions enhance the participants' active involvement, therefore, contributing to a critical and autonomous academic formation, which recognize the collective.

Keywords: University Extension; Gymnastics for All; University Groups, Freirian Pedagogy.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender, a través de los ojos de los extensionistas y participantes en proyectos de extensión en Gimnasia para Todos (GPT), cómo se ha trabajado esta práctica corporal en el contexto de la extensión universitaria, tomando como base teórica el análisis de la perspectiva de las directrices de la Pedagogía Freiriana y de las directrices del FORPROEX. Los resultados indicaron que los proyectos en GPT implicaron tres temas principales, a saber: a. valorización del conocimiento individual y previo, b. cuestiones democráticas de grupo, c. la interacción social entre los componentes. Estos temas demostraron aproximaciones con las directrices del FORPROEX y las pautas de la Pedagogía Freiriana para la extensión universitaria. Concluimos que las extensiones en GPT mejoraron la participación activa de los actores envueltos y, por lo tanto, contribuyen a una formación académica crítica y autónoma que reconoce el colectivo.

Palabras clave: Extensión Universitaria; Gimnasia Para Todos; Grupos Universitarios, Pedagogía Freiriana.

INTRODUÇÃO

Discussões relativas à extensão universitária tiveram início no Movimento de Córdoba (Argentina) em 1918, cujo intuito foi entender essa atividade como um instrumento que permitia levar ao povo o conhecimento que era exclusivo para os que frequentavam a universidade, efetivando-a como uma instituição social e patrimônio da sociedade (MAZZILLI, 2011).

No Brasil, após recorrentes estudos, criou-se, em 1987, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), com objetivo de fomentar políticas específicas de extensão para o ensino superior. Então, um documento de Política Nacional de Extensão Universitária foi elaborado para instituir conceitos, objetivos, princípios e diretrizes. Tais orientações tornaram-se necessárias para a implementação de normas e ações extensionistas que pretendessem garantir, de forma efetiva, transformações na universidade pública (FORPROEX, 2012) e para tal, a consideram como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora

entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p. 28).

Neste ínterim, a extensão universitária deve ocorrer por meio da interação com a sociedade, promovendo a comunicação entre os saberes científico e popular (GADOTTI, 2017), de forma que possibilite a materialização dos conhecimentos já produzidos (ensino) a partir da intervenção na realidade, fornecendo referências para a produção do saber (pesquisa), por meio de problemas reais vivenciados na sociedade (DALCIN; AUGUSTI, 2016; MARTINS, 2006; TAUCHEM; FÁVERO, 2011). Logo, ela não está à parte do ensino e da pesquisa, mas influencia ambos inter cruzando conhecimentos e saberes (GADOTTI, 2017).

As transformações educativas decorrentes da extensão universitária podem ser geradas quando seguem algumas diretrizes elencadas pelo FORPROEX (2012): a. Interação dialógica, em que orienta-se a produção do conhecimento a partir da interação entre a universidade e a sociedade, desenvolvendo o diálogo e troca de saberes, no intuito de superar o discurso de hegemonia acadêmica; b. a Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, no qual busca-se superar a dicotomia entre a visão holística e a



visão especializada, nas quais as tecnologias de intervenção social têm oscilado; c. a Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão em que haja maior efetividade ao processo de formação do estudante; d. Impacto na formação do estudante, por meio da ampliação do universo de referência e pelo contato direto com questões contemporâneas, possibilitando o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos e e. Impacto e transformação social, por meio da impressão política.

Somando-se a essas diretrizes, elencamos neste artigo o questionamento que o educador Paulo Freire levantou, em meados da década de 1980, sobre a extensão universitária. Nela, o autor denunciou a ação de transferência de um tipo de conhecimento que a universidade considera superior, para um lugar fora dela, no qual as pessoas – na concepção da universidade – pensam possuir um saber inferior, no sentido de torná-lo adequado, semelhante ao conhecimento acadêmico (FREIRE, 1985). Não obstante, Freire propôs a utilização de “comunicação” ao invés de extensão, pois este último traduz melhor qual deveria ser o verdadeiro sentido deste eixo na universidade: uma ação educativa que deve acontecer na prática da liberdade, possibilitando a tomada de consciência da realidade na qual e com a qual os sujeitos estão inseridos (FREIRE, 1985).

Acreditamos que as diretrizes elencadas pelo FORPROEX (2012) vão ao encontro de uma educação emancipatória, na qual Freire (1994; 1996) sugere a superação da mera transmissão de um conjunto de técnicas e competências necessárias ao mundo do trabalho, em prol de uma educação dialógica e problematizadora que possibilite a construção do conhecimento de forma compartilhada entre universidade e sociedade.

Para tanto, consideramos pertinente a utilização da pedagogia freiriana como orientadora metodológica das ações extensionistas. Ela se refere aos princípios que norteiam uma proposta de ensino baseada em experiências realizadas por Paulo Freire no início

da década dos anos de 1960. Trata-se tanto de práticas educativas concretas, quanto de um conjunto de saberes vinculados à prática docente (STRECK, 2010). Dentre as 27 exigências elencadas pelo autor como necessárias para ação educativa, ressaltamos (FREIRE, 1996):

- Reconhecimento aos saberes dos educandos: conhecimento e respeito aos saberes prévios que os educandos trazem consigo por meio da investigação sobre a realidade do contexto onde estão inseridos, com o intuito de relacionar com os conteúdos curriculares pretendidos na ação educativa, de forma que promova uma reflexão crítica sobre tal relação possibilitando uma transformação consciente;

- Corporeificação das palavras pelo exemplo: o educador deve ser democrático, incentivando e encorajando a argumentação dos educandos;

- Reconhecimento e assunção da identidade cultural: respeitar a identidade, individualidade e vivências socioculturais do educando, permitindo que este se assuma como sujeito histórico, com o propósito de criar condições para exercitar sua própria autonomia;

- Respeito à autonomia do ser educando: respeitar a cultura e os gostos do educando não impondo à ele os interesses do educador ou de um currículo pré-estabelecido;

- Disponibilidade para o diálogo: o educador deve ter consciência de que não sabe tudo e estar aberto para aprender com o educando e com a ação educativa; deve dialogar com a linguagem que os educandos dominam;

- Querer bem aos educandos: compreender que a afetividade e a alegria não se opõe à capacidade de ensinar e aprender com rigor metódico.

Foi então que nos questionamos: Uma vez que atuamos no Ensino Superior junto a cursos de graduação (Bacharelado e/ou Licenciatura) em Educação Física e/ou Esporte, como analisar



se os projetos de extensão se preocupam com as premissas discutidas acima?

Dada a impossibilidade de análise de todos os projetos atualmente existentes, nosso recorte se deu pelo viés da Ginástica para Todos (GPT), uma prática corporal que incentiva a prática gímnica por meio dos fundamentos das ginásticas interligados com princípios da inclusão e socialização, bem como aportes de diferentes manifestações, tais como brincadeiras, danças, lutas, esportes, manifestações folclóricas, entre outros (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

A literatura brasileira expoente neste campo de conhecimento sugere que a GPT seja desenvolvida respeitando princípios que estimulam a criatividade, colaboração, autonomia, liberdade, interação social, entre outros; com o intuito de propiciar aos praticantes elementos que contribuem para a formação humana do sujeito (AYOUB, 2007; CARBINATTO, 2012; LOPES; BATISTA; CARBINATTO, 2017; SOUZA, 1997; TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Ou seja, parece haver na GPT uma prática educativa enriquecedora e em consonância com a pedagogia freiriana e os princípios da extensão universitária. Mas, estariam os projetos de GPT atendendo tais premissas?

Neste sentido, este estudo tem a intenção de compreender, por meio do olhar dos extensionistas e participantes de projetos de extensão de GPT, como esta prática corporal tem sido trabalhada no contexto da Extensão Universitária, tomando como base teórica da análise a perspectiva das orientações da pedagogia freiriana e das diretrizes do FORPROEX.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa descritiva, de viés qualitativo, objetivou identificar no discurso de participantes de extensão universitária em GPT, características dos referidos projetos e sua relação com a pedagogia freiriana.

Como técnica de coleta de dados, utilizou-se de Grupos Focais (GF), pois estes são

considerados espaços de discussão e trocas de experiências em torno de um tema, além de permitir a coleta de dados de um maior número de participantes, com suas argumentações e contra argumentações, ao mesmo tempo (GONDIM, 2003; GATTI, 2005; TRAD, 2009).

Para a composição dos GF, dividimos os procedimentos em duas etapas. A primeira constituiu na seleção dos grupos universitários em GPT, balizados pelos seguintes critérios: 1. Grupo ginástico devidamente registrado como projeto de extensão em uma universidade pública. 2. Grupo com participação em pelo menos dois Festivais Universitários no Fórum Internacional de Ginástica Para Todos realizados em 2014, 2016 e 2018 e/ou ter participado de alguma edição da Ginastrada Mundial. Esses eventos foram escolhidos, pois, o primeiro é considerado o principal evento de GPT da América Latina e, por ter caráter científico e preço acessível, possibilita a participação ampliada de grupos universitários. O segundo, pois é o maior festival de GPT organizado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e, inclusive, um dos únicos eventos sem viés competitivo preconizado por uma federação esportiva (PATRÍCIO; CARBINATTO; BORTOLETO, 2016).

Para identificar se o grupo era ou não genuinamente GPT, entrevistas individuais com os representantes de grupo foram realizadas previamente ao contato para a participação na atual pesquisa. Do total de 15 grupos pré-selecionados, nove grupos foram selecionados.

A segunda etapa consistiu em selecionar integrantes para compor os GF, que foram assim delimitados: 1. Integrantes dos grupos ginásticos que fossem acadêmicos e/ou graduados em Educação Física (Licenciatura e/ou Bacharel). 2. Os integrantes poderiam estar ativos ou não durante a realização da pesquisa. 3. Integrantes que possuíssem no mínimo um ano de participação no grupo ginástico. 4. Dentre estes, integrantes que participaram da elaboração, composição e apresentação de pelo menos uma coreografia.

Então, realizou-se três GF. O Grupo Focal 1 (GF1) foi composto por nove integrantes (um homem e oito mulheres) de cinco grupos de GPT



e teve a duração de 55 minutos. O segundo Grupo Focal (GF2) teve a participação de quatro participantes (dois homens e duas mulheres) representantes de três grupos de GPT distintos e teve a duração de 56 minutos e trinta segundos. Por fim, o último Grupo Focal (GF3) foi realizado com quatro participantes de um mesmo grupo ginástico, cujo tempo foi de vinte e seis minutos.

Os GF ocorreram em dias distintos e com a presença de quatro pesquisadores com diferentes funções (mediador, observador, relator e operador de gravação). Cada função foi devidamente treinada e realizou-se um estudo piloto para possíveis dúvidas naquelas.

Após apresentação sucinta da pesquisa e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), iniciou-se cada GF indicando nosso conhecimento em relação a coreografia ou história de cada grupo de GPT ali representados (previamente estudados) e, assim, mostrarmos nosso interesse no trabalho dos mesmos. Tal momento permitiu o que consideramos “quebra-gelo” e/ou maior aproximação entre pesquisador e parceiros na pesquisa. Um roteiro de questões norteou o processo, que constavam de perguntas como: Conte-nos sobre o grupo de ginástica para todos que você faz parte. Conte-nos sobre os encontros dos grupos que vocês fazem parte. Conte-nos como foi o processo de composição coreográfica que você já participou com o seu grupo.

Cada GF foi gravado em áudio e vídeo. O mediador das coletas elaborou um texto com as percepções gerais de cada entrevista e as percepções dos demais pesquisadores presentes na coleta foram gravadas ao final de cada GF e divididas por meio de uma mídia social. Todos esses materiais foram incluídos nas análises.

Para a confiabilidade dos dados, dois pesquisadores analisaram, separadamente, cada GF seguindo as premissas da Análise de

Narrativa (Clandinin e Connelly, 2015). Inicialmente, 14 temáticas foram encontradas. Após explicações e justificativas pormenorizadas, tais temáticas foram reorganizadas nos seguintes eixos: 1. Singularidade de uma prática democrática e coletiva (diferencial da GPT; valorização do indivíduo, interação sociais, questões democráticas de grupo; tensões; construção coreográfica e questões culturais); 2. A universidade como espaço para o desenvolvimento da GPT (contato com a GPT; influência na formação e atuação profissional, participação em eventos, intercâmbio cultural, extensão universitária) e 3. A ressignificação da prática esportiva (mudança de paradigma; competição e participação e experiência). Neste artigo, discutimos – apenas- aspectos do primeiro eixo.

É importante destacar que a coleta de dados só aconteceu após a aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE 80426517.4.0000.5391.

Para garantir a confidencialidade e anonimato dos participantes, na discussão dos resultados a seguir, todos os termos que identificavam os integrantes dos projetos foram substituídos por nomes fictícios.

RESULTADOS

O eixo narrativo intitulado “Singularidade de uma prática democrática e coletiva”, trouxe a campo temáticas pareadas as indicações de Paulo Freire à extensão universitária. Nossos resultados indicam que os projetos em GPT envolveram a valorização do indivíduo e do conhecimento prévio, questões democráticas de grupo e a interação social entre os componentes. A seguir, apresentamos características das temáticas e exemplo de discurso que a confirmaram.



Tabela 1 – Temáticas e exemplos dos discursos

TEMÁTICA	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Valorização do indivíduo e do conhecimento prévio	Trata-se de discursos em que se considerou o conhecimento, nível técnico e demais características de cada pessoa	<i>“[...] a gente valoriza outras coisas que você já fez durante a sua vida, não precisa saber fazer ginástica, nós vamos ensinar o que a gente sabe e valorizar o que você também já sabe”.</i>
Questões democráticas de grupo	Refere-se à necessária discussão em grupo para tomada de decisões.	<i>“A gente sempre para muito pra conversar, surgiram muitas ideias legais [...]”.</i>
Interação social	Trata-se da interação social mencionada como um aspecto oportunizado pela GPT.	<i>“[...] acho que vai além da ginástica, entendeu? Acaba que nós nos tornamos amigos”.</i>

Fonte: construção dos autores

Valorização do Indivíduo e do Conhecimento Prévio

Foi unânime nos diferentes GF a confirmação de que os projetos de extensão em GPT valorizam e respeitam os conhecimentos prévios de cada indivíduo, bem como a opinião igualitária ou não, dos seus integrantes em relação a diferentes temas. Teóricos brasileiros confirmam esta característica como uma das principais na referida modalidade em nosso país (CARBINATTO; REIS-FURTADO, 2019).

Obviamente, cada projeto de GPT possui singularidades e características próprias do local e das pessoas que dela fazem parte, mas atentar para que as ações pedagógicas primem pelo coletivo e suportem as experiências de cada integrante parece ser indiscutível quando se espera que os participantes se tornem críticos e criativos (BORTOLETO; PAOLIELLO, 2017).

Uma vez a individualidade, a cultura, os saberes, as vivências e os gostos provenientes dos participantes são levados em consideração durante a prática educativa, induzimos que os projetos não somente respeitam, mas valorizam tais aspectos, há clara relação das práticas educativas dos projetos e o que sugere Paulo Freire (1985; 1994; 1996). Os integrantes parecem, inclusive, compreender que este

comportamento deve ser inerente à prática educativa, independente do papel que estejam exercendo (educadores ou educandos).

Os integrantes consideram que a GPT valoriza os conhecimentos prévios de cada indivíduo e retratam a importância em encorajar a participação de todos – não apenas pelo viés da superação técnica – mas e, sobretudo, pela consciência de que as experiências de outras práticas corporais ou da própria experiência de vida podem contribuir de alguma forma:

Muitas vezes as pessoas falam que nunca fizeram ginástica na vida. E a gente tem que falar, não tem problema, lá você vai aprender. E não precisa só saber ginástica né. A gente valoriza outras coisas que você já fez durante a sua vida, então é possível sim você participar de um grupo de GPT. Não precisa saber fazer ginástica, a gente vai ensinar o que a gente sabe e valorizar o que você também já sabe, que não precisa ser relacionado com a ginástica (Cíntia).

Traçando um paralelo entre esta temática e as diretrizes do FORPROEX, pode-se ponderar que ações desenvolvidas nos projetos de extensão em GPT se aproximam com a diretriz da interação dialógica, visto que reconhecem a importância da interação entre universidade e



sociedade, a partir da troca de saberes, da produção conjunta do conhecimento e o desenvolvimento de metodologias que incentivem a participação e autonomia dos atores nela envolvidos. Ademais, esta interação beneficia e potencializa a transformação tanto da sociedade quanto da universidade, o que condiz com a diretriz de impacto e transformação social (FORPROEX, 2012).

Ademais, cada integrante colabora a partir dos conhecimentos que ele carrega consigo, sejam experiências motoras, questões culturais e/ou reflexões sobre determinado assunto. Karina elucida, por exemplo, que a GPT permitiu que a mesma se valorizasse e valorizasse os seus pares:

[...] e você acha tipo, nossa, eu tenho limitações! O que é a limitação do outro?

Há troca de saberes entre os integrantes, saberes acadêmicos, populares e de experiência de vida, ou seja, ações que valorizam e estimulam a participação de todos.

Interessante notar que é comum que as extensões em GPT tenham heterogeneidade dentro do grupo, uma vez que os grupos não possuem pré-requisitos no que se refere a raças, gêneros, nível social, nível físico, técnico e cultural diversificado. Logo, o congraçamento de diferentes individualidades parece inerente. Reconhecer-se, reconhecer o outro e abrir-se ao grupo torna-se, então, necessário para que juntos se crie a própria identidade do grupo. E, para tal, ações democráticas devem prevalecer.

Questões Democráticas de Grupo

Os integrantes indicaram que durante os encontros dos projetos de extensão são realizadas discussões, votações, pesquisas e reflexões acerca de diferentes questões, sinalizando que as decisões do grupo são tomadas de forma coletiva. Logo, as ações do projeto são desenvolvidas de forma democrática.

Há forte indicação de uma participação ativa dos integrantes em diferentes momentos do projeto, principalmente por meio do diálogo, fato que parece estimular o exercício da argumentação e da autonomia dos sujeitos

envolvidos, como sugere os princípios da pedagogia freiriana (FREIRE, 1985; 1994; 1996) e explicitada por Freire e Shor (1987, p. 64):

Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. [...] O que é o diálogo, neste momento de comunicação, de conhecimento e de transformação social? O diálogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade.

Nesse contexto, o FORPROEX (2012) salienta que iniciativas que estimulem reflexões conjuntas sobre diferentes temáticas são importantes e podem (e devem!) ocorrer a partir de ações extensionista como eventos, seminários ou nas atividades desenvolvidas nos encontros semanais dos projetos.

Por meio do projeto de extensão os integrantes reconheceram o aprendizado de um aspecto relevante que reflete na formação humana desse futuro professor: compreender e dialogar com respeito às ideias e opiniões (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017, p. 173) o que, por sua vez, pode induzir a uma prática profissional envolta pelos princípios primordiais da pedagogia.

Nessa direção, Lopes, Batista e Carbinatto (2017), realizaram um estudo acerca da GPT e o diálogo com a extensão universitária, especialmente no Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD), no qual foi sinalizado o trabalho coletivo de forma ampla no processo de construção coreográfica. Por meio de pesquisas, leituras, discussões, votações e experimentações foi possível elaborar uma coreografia por uma perspectiva crítica e posicionamento frente à temática escolhida. Isto posto, as experiências enriquecem a formação dos praticantes, ampliando a prática para além do fazer.

Gael reforça essa ideia ao comentar:

[...] houve discussão sobre o tema, trouxemos textos, imagens, discutimos



no final da aula [...].

Lara corrobora, indicando que:

[...] teve essa preocupação das professoras, da gente discutir, vamos conversar com o grupo, vamos decidir se vai ser assim se não vai, pra todo mundo participar.

Não obstante, a premissa do “viver em conjunto”, é inclusive elencada em importantes documentos e órgãos mundiais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2002) na obra “Aprender a viver juntos: a educação para a integração na diversidade”. Nela, discute-se o conceito de convivência como o ideal de uma vida comum entre grupos culturais, sociais ou politicamente diferentes. Outrossim, possui a conotação de resignação na hora de aceitar o outro.

A diretriz interação dialógica demonstra ter bastante relação com esta temática, uma vez que está situada no campo das relações, uma via de mão dupla para a produção do conhecimento entre os envolvidos nos projetos e que se aproxima da dimensão ética dos processos de extensão universitária.

Interação Social

Esta terceira temática que emergiu dos GF aponta para a experiência social que a GPT possibilita, a partir da convivência, do sentimento de pertencimento a um grupo e as relações afetivas criadas entre os integrantes.

A interação social expressa que as relações de afetividade não só se fazem presentes, como, possivelmente, são estimuladas no desenvolvimento dos projetos. A pedagogia freiriana reforça a necessidade de tal comportamento e pontua que laços entre educadores e educando não interferem na rigorosidade metódica do processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1996).

A intensidade das relações sociais entre os integrantes foi notável durante os três GF, expressos, inclusive, por linguagem corporal, como sorrisos nos lábios e expressões faciais que indicavam alegria. Ademais, integrantes do mesmo grupo se olharam com cumplicidade quando o assunto foi levantado.

Pode-se dizer que esta foi uma das principais características emergentes

[...]então vai muito além do que só os treinos e acabou. Tem pessoas lá que são do interior e falam vocês são a minha família aqui [...]. (Fabiana).

Ressaltamos que não podemos considerar – apenas – a participação em um grupo de GPT como diretamente envolto na criação de vínculos e estímulos sociais. A metodologia deve permitir que situações em que conhecer-se e conhecer o outro; entender-se e entender o outro; ouvir-se e ouvir o outro sejam enfatizadas.

Na GPT, a interação social é estimulada – não unicamente – pelas composições coreográficas (EHRENBERG; MIRANDA, 2016; PAOLIELLO et al., 2014). Foi unânime nos três GF que a condução da composição, em que o professor foi mediador e todos puderam opinar e compor a coreografia permitiu o entendimento metodológico voltado para valores da interação social.

Com constante dependência uns dos outros para que a composição acontecesse, os participantes dos grupos descreveram com entusiasmo como o processo de composição acontecia. Não raras às vezes, citaram o quanto a relação neste processo é estabelecida:

[...]eu falo que a gente acaba se tornando uma família, porque o vínculo se torna tão grande com o pessoal do grupo, porque você tem que conversar ideias, aceitar a ideia da pessoa [...]. (Karina).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos de GPT analisados nesta pesquisa evocaram alguns dos saberes dispostos na pedagogia freiriana e que são inerentes à “natureza ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana” (FREIRE, 1996, p.10), quais sejam: a pesquisa; o respeito aos saberes dos educandos; a criticidade; o respeito à autonomia do ser educando; a disponibilidade para o diálogo.

Nossos resultados refletiram como as relações e interações sociais são importantes dentro de um grupo e, por sua vez, de uma sociedade. Conviver em grupo, tomar decisões,



dar opiniões, saber lidar com o outro requer cuidado, paciência e respeito, atitudes recorrentes nos grupos estudados, em que viver em conjunto pareceu ser um aprendizado de cada encontro. As narrativas desdobram para a coesão coletiva, ou seja, quando “os integrantes precisam aprender a pensar e agir em benefício do grupo, mesmo que isso implique abandonar a vontade pessoal” (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017, p. 274).

Tendo um dos desafios da extensão universitária o incentivo ao protagonismo discente no processo de transformação da educação superior (FORPROEX, 2012), concluímos que as extensões em GPT potencializaram a participação ativa dos atores envolvidos e, portanto, contribui para uma formação acadêmica crítica, autônoma e que reconheça o coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade**. Campinas, SP: Unicamp, 2017.
- CARBINATTO, Michele Viviene. **A atuação do docente de ginástica nos cursos de licenciatura em Educação Física**. 259. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CARBINATTO, Michele Viviene; FURTADO, Lorena Nabanete Reis. Choreographic process in gymnastics for all. **Science of gymnastics journal**, v. 11, n. 3, p. 343-353, nov., 2019.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: EdUFU, 2015.
- DALCIN, Larissa; AUGUSTI, Rudinei Barichello. O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como paradigma de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Elo - Diálogos em Extensão**, v. 5, n. 3, p.1-12, dez. 2016.
- EHRENBERG, Mônica Caldas; MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes. Cia Alfa de ginástica geral: para além da extensão universitária. In: MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; EHRENBERG, Mônica Caldas; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. **Temas emergentes em ginástica para todos**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê?** Rio de Janeiro, 17 fev 2017. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que>> Acesso em: 25 novembro de 2019.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149-161, nov., 2003.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade**. Campinas, SP: Unicamp, 2017.

LOPES, Priscila; BATISTA, Mellina Souza; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica para Todos e arte: diálogos possíveis na extensão universitária. In: CONGRESSO DE GINÁSTICA PARA TODOS D DANÇA NO CENTRO-OESTE, 2017. **Anais...** Goiânia, GO, 2017.

MARTINS, Lígia Márcia. **Indissociabilidade ensino pesquisa extensão**. São Paulo, 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). 2006. Disponível em: <http://www.umcpos.com.br/centraldoaluno/arquivos/07_03_2014_218/2_ensino_pesquisa_extensao.pdf>. Acesso em: 20 de novembro 2019.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista brasileira de política e administração da educação**, v. 27, n. 2, p. 205-221, mai./ ago., 2011.

PAOLIELLO, Elizabeth e colaboradores. **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos**. Campinas, SP: Unicamp, 2014.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 30, n.1, p. 199-216, 2016.

SOUZA, Elizabeth. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da educação física**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1997.

STRECK, Danilo. Pedagogia (s). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

TAUCHEN, Gionara; FÁVERO, Altair Alberto. O princípio da indissociabilidade universitária: dificuldades e possibilidades de articulação. **Linhas críticas**, v. 17, n. 33, p. 403-419, mai./ago., 2011.



TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, Mirian (Org.). **Fundamentos das ginásticas**. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.

Dados do autor:

Email: melsouza@usp.br

Endereço: Rua das Mercês, 380, Centro, Diamantina, MG, CEP 39100-000, Brasil

Recebido em: 13/02/2020

Aprovado em: 17/03/2020

Como citar este artigo:

BATISTA, Mellina Souza e colaboradores. Ginástica para todos: questões sobre uma experiência de aprendizagem crítica. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 01, p. 194-204, jan./abr., 2020.